

**ANTÓNIO LOBO ANTUNES: A OBRA, A ESCRITA DILACERADA E A
(PÓS)MODERNIDADE**

**ANTÓNIO LOBO ANTUNES: THE WORK, THE SLASHED WRITING AND
THE (POST)MODERNITY**

Alexandre Claudius Fernandes¹

RESUMO: A escrita elíptica e paratática do romancista português António Lobo Antunes sugere novos artifícios norteadores na estética literária contemporânea. Se a modernidade tem sido bombardeada pelas propostas pós-modernas de incertezas e discursos múltiplos, o escritor português revela, em sua escrita e escritura, uma errância de memórias e lembranças que se acoplam e implodem-se. O refluxo da pós-modernidade parece já estar sendo representada e vaticinada, pelas estruturas do gênero romanesco, no autor de *O Manual dos Inquisidores* e *Ontem não te vi em Babilónia*.

PALAVRAS-CHAVE: pós-modernidade; narrativa; romance; escrita; memória

ABSTRACT: The elliptical writing of the portuguese novelist António Lobo Antunes implies new devices to designate this present and contemporary literary esthetic. Whether modernity has been assaulted by uncertainties and multiple speeches of the post-modernists perspectives, the portuguese writer revels, in his writing and scripture, a transience of reminiscences and memories which ensemble and implodes themselves. The post-modern refrain seems already represented and envisaged, by the structures of novel form, on the author of *O Manual dos Inquisidores* and *Ontem não te vi em Babilónia*.

KEY-WORDS: post-modernity; narrative; novel; writing; memory

¹ Doutorando em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: myliteratureprofessor@yahoo.com

Na trilha do Lobo

A prosa contemporânea portuguesa de António Lobo Antunes, desde seu primeiro romance, *Memória de elefante* (1979), revela atributos de uma escritura consciente e austera, tanto na tradição quanto nas inovações. Após dois anos como médico na guerra de Angola, Lobo Antunes retorna a Portugal e segue a carreira psiquiátrica, mas também publica artigos sobre Bocage, Lewis Carroll e Antero de Quental. Laureado com o Prêmio Camões (2007), o mais importante de literatura lusófona, o português António Lobo Antunes fora premiado² diversas vezes.

A grande marca nas obras antunianas é a memória. As narrativas afirmam que o inesquecível existe, ainda que esta existência seja de mortos que não puderam ser enterrados. A fixação doentia no passado reflete, em todos os romances, o sintoma do ressentimento profundo nas personagens. A escrita, assim, é um signo de mortos que lutam contra ou a favor do esquecimento. Os romances antunianos revestem-se sempre de um peregrinar nas lembranças e rememorações. No entanto, tais lembranças, sombrias e subterrâneas, que, ao falarem, em vez de libertarem os indivíduos aprisionam as personagens em cárceres ainda mais densos. Destes calabouços que ecos são ouvidos, textos são projetados e sublimados. As lembranças passam a ser verbalizadas, cenas traumáticas ressurgem dos escombros, para então

² Prêmio Franco-Português, 1987 (*Os cus de Judas*); Grande Prêmio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores, 1985 (*Auto dos danados*); Prêmio Melhor Livro Estrangeiro publicado em França, 1997 (*O Manual dos Inquisidores*); Prêmio Tradução Portugal/Frankfurt, 1997 (*O Manual dos Inquisidores*); France-Culture (*A morte de Carlos Gardel*); Prêmio de Literatura Européia do Estado Austríaco, 2000; Prêmio União Latina, 2003; Prêmio Ovídio da União dos Escritores Romanos, 2003; Prêmio Fernando Namora, 2004; Prêmio Jerusalém, 2005. Em 1995, foi candidato ao Prêmio Nobel e em 1999, o romance *Os cus de Judas* foi considerado um dos 100 melhores romances do século. E detentor de uma produção ampla, dezenove romances: *Memória de elefante* (1979); *Os cus de Judas* (1979); *A explicação dos pássaros* (1981); *Conhecimento do inferno* (1981); *Fado alexandrino* (1983); *Auto dos danados* (1985); *As naus* (1988); *Tratado das paixões da alma* (1990); *A ordem natural das coisas* (1992); *A morte de Carlos Gardel* (1994); *O Manual dos Inquisidores* (1996); *O esplendor de Portugal* (1997); *Exortação aos crocodilos* (1999); *Não entres tão depressa nessa noite escura* (2000); *Que farei quando tudo arde?* (2001); *Boa tarde às coisas aqui em baixo* (2003); *Eu hei-de amar uma pedra* (2004); *Ontem não te vi em Babilónia* (2006); *Meu nome é legião* (2007). Há também um livro infanto-juvenil, *A história do hidroavião* (2005), uma coletânea das cartas durante a Guerra da Angola, *D'este viver aqui neste papel descripto: cartas de guerra* (2005) e seus livros de crônicas: *Crônicas* (1995); *Livro de crônicas* (1998); *Segundo livro de crônicas* (2002); e *Terceiro livro de crônicas* (2006).

serem materializadas, nomeadas. Entretanto, nenhum outro escritor contemporâneo, segundo Eduardo Lourenço, retrata mais veementemente o presente português como o autor:

Quem se encarregaria do presente, quem se encarregaria de traçar, de imaginar qualquer coisa mais vivida, que desse conta do nosso presente e não fosse fantasmática quer em termos de passado, quer em termos de qualquer utopia futura? Eu penso que quem veio ocupar esse espaço, na nossa cultura e no nosso imaginário, foi a obra de António Lobo Antunes. António Lobo Antunes vai, pouco a pouco, fazer emergir um continente, uma realidade que é ao mesmo tempo nossa e uma realidade universal, a partir de uma visão carnal, concreta, que tem o seu apoio no presente e no tempo presente.[...]A ficção de Lobo Antunes vai servir como revelador daquilo que nos mesmos não queríamos ver, que nós mesmos não queremos ver, não apenas a morte exterior, brutal e trágica, mas outra realidade mais profunda, a nossa realidade de seres confrontados com qualquer coisa ainda mais profunda que a morte, que é a do sofrimento, a da injustiça que nós infligimos aos outros, a nossa própria miséria, os nossos terrores sepultos. (LOURENÇO apud CABRAL, 2003, p. 350-352)

A memória é o projeto de representação tanto nas confissões quanto no fluxo de consciência das personagens, enquanto texto e máquina de escritura. Destarte a representação, para ter acesso à linguagem interior, necessita, torturantemente nos cárceres das limitações, passar pela ficção, e isto é já uma representação, uma escritura. E esta escritura, que precisa ser registrada em um manual, é encenação (*mise-en-scène*) de uma inquisição, como na obra *O Manual dos Inquisidores* (1996).

Olhos de ressaca

“Estamos irremediavelmente condenados a não poder ser modernos.”
João Barrento

“Uma obra só pode tornar-se moderna se primeiro for pós-moderna. O pós-modernismo, entendido assim, não é o modernismo no seu estado terminal, mas no seu estado nascente.”
Jean-François Lyotard

A idéia de pós-modernidade, ainda que adepta da era da desconfiança e da suspeita, revela certas características constantes. Neste momento não levaremos em conta o fato das

grandes narrativas, principalmente pela agitação causada, neste tema, pelo livro *After Theory* (2003)³, de Terry Eagleton, que alega a volta das Grandes Narrativas Históricas e o fim do pós-modernismo. Alguns tópicos, alegoricamente, pós-modernos são: a *metaficção historiográfica* como marca da narrativa; o desencanto com a verdade; e o hiper-realismo como obsessão ecrástica. Obviamente poderíamos citar muitos outros, no entanto tentaremos percorrer por estes rastros.

Em linhas gerais dois momentos históricos são latentes nos romances antunianos: a Guerra de Angola e a Revolução dos Cravos. Quando olhamos as obras de António Lobo Antunes causa-nos um certo (des)conforto, principalmente nos primeiros romances do escritor. Tanto em *Os Cus de Judas* como em *Memória de Elefante* há alterações no enfoque narrativo e imprecisões; descrições pormenorizadas e estruturas metalépticas; e há a busca das personagens-narradoras por expressar e expurgar tudo o que viram e sentiram. Nenhuma destas características irá desaparecer no escritor, de fato serão potencializadas e dirigidas. Não podemos esquecer que *Os Cus de Judas* tem seus capítulos organizados pelo alfabeto, uma clara tentativa de abordagem geral do que se enuncia e ainda é claro o caráter biográfico destes romances.

Em *As Naus*, Lobo Antunes tem seu momento mais pós-moderno. O autor resgata as personagens fulcrais da História de Portugal. Este retorno das caravelas vem repleto de humor, fantasia e paródia. Este pacto efabulativo é um dos processos mais frequentes da ficção pós-moderna (Hutcheon, 1991, p. 19). A partir de *As Naus*, Lobo Antunes parece focar obsessivamente suas personagens, que na maioria das vezes são narradoras.

Em *O Manual dos Inquisidores* temos dezenove vozes que relatam suas vidas. Jamais sabemos a quem relatam, mas as marcas de um escritor ou de um narrador organizador das confissões surgem aleatoriamente:

³ Por conta da controvérsia criada, o suplemento *Mais!*, do jornal *Folha de São Paulo* (02/11/2003), entrevistou diversos especialistas e intelectuais (Nicolau Sevcenko, Antonio Flavio Pierucci, José Arthur Giannotti, Paulo Mendes da Rocha; Italo Moriconi; Vagner Gonçalves; e Silvano Santiago) para comentarem sobre o livro de Terry Eagleton e os conceitos pós-modernos da atualidade.

E no que se refere a si confesso-lhe que ignoro por completo do que está a falar, não percebo nada desta história de Salazar e Estado Novo e ministro e namoradas.

(OMI, p315)

está bem se você afirma que sim eu acredito só não percebo porque

(OMI, p. 24)

Há quanto tudo isto que lhe conto se passou? Quinze, vinte anos? Mais? Trinta? Se o senhor diz trinta, pronto, talvez sejam trinta

(OMI, p. 299)

No último romance publicado no Brasil, *Ontem Não te vi em Babilônia*, as personagens relatam suas angústias durante uma noite de insônia, sem se saber quando. Entre a meia-noite e as cinco da manhã, personagens diversas narram tudo o que lhes vai à alma, enquanto a insônia consentir. Não se estabelece um tempo ou um contexto ao enunciado rememorado ou vivido. Não se trata de destemporalização, porque a marcação do tempo é percebida por alterações no ambiente, assim como, na *Recherche* de Proust, cujo tempo só é experienciado pela consciência interior. A individualidade e a relação com o objeto, o outro e consigo guiam a narrativa. Até mesmo o aqui e agora (*hic et nunc*) são irrelevantes:

Tinha certeza que duas horas da manhã sem precisar conferir porque qualquer coisa mudou de direção lá fora ou aqui(...)

(ONTVB, p.155)

Quando estou muitas horas acordada a sentir o tempo que não sei para onde vai no relógio elétrico, sei que passa por mim num zumbidinho de leve, começo a distinguir coisas no escuro, primeiro os móveis que deixam de ser móveis e perderam o nome (...)

(ONTVB, p.83)

Re-Modernizando o Pós-Moderno

*“Desde **O Manual dos Inquisidores** não me interessa a intriga, a história. O que quero é colocar a vida inteira entre as capas de um livro.”*

Antônio Lobo Antunes (entrevista ao jornal O Estado de São Paulo, em 23 de abril de 2006.)

O Manual dos Inquisidores parece ser um marco do retorno. Um retorno ao projeto da modernidade. Esta “volta” parecia profetizada pelos indícios nos romances posteriores *As Naus*. Rompe-se com o espaço-histórico. O tempo converte-se em psicolinear. O tempo objetivo é posto de lado e imprime-se a noção de *durée* (Seixo, 1987, p.18). No discurso fundador da modernidade a grande novidade era o *eu*, uma exacerbação da subjetividade, ainda que em muitas vezes, para Heidegger, o avanço da técnica criaria uma desumanização do homem. Contudo, ainda assim a centralidade estaria no ser. A decadência torna-se tema, atingindo a tudo e a todos. A relação entre os indivíduos, enquanto personagens, é sempre precária, caótica. E a subjetivação nunca foi tão central como nas últimas obras do escritor. Segundo Adorno, a ficção da modernidade tende a assumir cada vez mais a subjetividade como forma de minar o mandamento épico da objetividade (Adorno, 2003, p.55).

As obras de Antônio Lobo Antunes são inquietantes e tenebrosas. Uma das características das narrativas atmosféricas do autor é seu caráter, por vezes, poético cuja intriga jaz no interior das personagens, e cuja mente é um *topoi* de onde a figurativização surge pela escrita. Um texto não de prazer pelo contar (*telling*), mas pela angústia e o enfado do mostrar (*showing*). Um romance de trama rarefeita cujo estético aponta para o verossímil, isto é, o real não está “formatado” ou “enformado” mas multiplicado nas dezenove vozes. Dezenove amostras do real. Antônio Lobo Antunes em seus romances, e aqui lançamos âncora apenas em *O Manual dos Inquisidores* e *Ontem não te vi em Babilônia*, no desconforto da sua escrita acaba por prescrever *textos de fruição* (Barthes, 1996, p.36). O autor se revela não um contador de histórias, mas um revelador de lóstimas individuais (e ontológicas). O que não se pode conjecturar é que nas obras antunianas as incertezas conduzem as naus. Entretanto, deve-se corroborar com o ponto de vista de Linda Hutcheon em que o narrador transforma-se em voz múltipla, fragmentada e eclipsada (Hutcheon, 1991, p.29). É certo que o narrador-escritor não se multiplica, orienta e ordena os relatos. Assim *O Manual dos Inquisidores* se revela não como um romance de trama ou cético à representação e a verdade, antes como um encadeamento de narrativas atmosféricas que parece irradiar um novo iluminismo sobre o modernismo pela pós-modernidade (Huyssen, 1991, p.75).

De maneira alguma poderia negligenciar-se a contaminação e o diálogo com as perspectivas pós-modernas nas obras antuniana. Esta interação não é somente identificável nos romances de uma primeira fase, mergulhada na atitude e nas proposições pós-modernistas. Um posterior momento, que aqui de forma superficial defendemos como segunda fase, após *O Manual dos Inquisidores*, também está sedimentado nas mesmas vertentes contemporâneas, contudo estas vertentes são flexionadas e recodificadas, isto é, representam e re-apresentam. Seria uma nova representação ou uma outra representação ressurgida? A representação (*mimesis*) como *Fênix* regressa das cinzas. Uma imitação esquizofrênica dos indivíduos presos às incertezas das verdades e das meta-narrativas.

Enfim, o que de fato apresenta-se é o *sobreposicionamento*, aqui proposto inicialmente, de atitudes no decurso antuniano, configurando uma espécie de *retro-marcha progressiva*. Uma pós-modernidade, nostalgicamente, moderna, *pari passu* a uma modernidade inquisidora e revisora da pós-modernidade.

Olhando por este prisma, Lyotard sugere⁴ uma espécie de apologia à nostalgia. A idéia de *evolução* e *idades* demonstra uma concepção de *continuum*, ainda que invertida. Um deslocamento que se afasta em direção ao início, um movimento pendular apolíneo-dionisíaco. O *constructo* narrativo de António Lobo Antunes parece representar e alegorizar, de maneira contundente, este deslocamento estocástico e oscilante.

REFÊRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor. **Notas de Literatura**. São Paulo: Editora 34, 2003.
- ANTUNES, A. L. **O manual dos inquisidores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- ANTUNES, A. L. **Ontem não te vi em Babilônia**. Lisboa: Dom Quixote, 2006.
- BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

⁴ Já citado, na epígrafe deste texto, no tópico “Olhos de Ressaca”, François Lyotard (1993, p.24) afirma : *Uma obra só pode tornar-se moderna se primeiro for pós-moderna. O pós-modernismo, entendido assim, não é o modernismo no seu estado terminal, mas no seu estado nascente.*

CABRAL, Eunice; JORGE, Carlos; ZURBACH, Christine. **A Escrita e O Mundo em António Lobo Antunes**. Lisboa: Dom Quixote, 2003.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós Modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

HUYSEN, Andréas. Mapeando o Pós-Moderno. In HOLLANDA, Heloise (org). **Pós Modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

LYOTARD, François. **O Pós-Moderno**. Rio de Janeiro: José Olympo, 1986.

_____. **O Pós-Moderno explicado às crianças**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

SEIXO, Maria Alzira. **Para um estudo da expressão do tempo no romance português**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1987.